

r o h t a b i
 t n g t a a r o
 H A B I T A R V A L O N G O
 a b i o n g o h a b i t a r
 h a b i t a r
 a b i t a r

HABITAR VALONGO

Alexsander de Paula Pereira

orientado por
Gustavo Badolati Racca

co-orientado por
Ayara Mendo Perez



Rio de Janeiro, 2020

HABITAR VALONGO

Trabalho Final de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizado pelo aluno Alexander de Paula Pereira, sob orientação de Gustavo Badolati Racca e Ayara Mendo Perez.

Rio de Janeiro, 12 de novembro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Amanda Costa

Ana Paula Polizzo

Ayara Mendo Perez

Gustavo Badolati Racca



Zona Portuária vista do Morro do Livramento, Rio de Janeiro, 2019. Fonte: autoral

SUMÁRIO

| | | |
|----------------|---|-----------|
| 01. | introdução | página 11 |
| 02. | ato apresentativo | página 12 |
| 02.1. | valongar | página 14 |
| 02.2. | processo cartográfico | página 19 |
| 02.2.1. | território transatlântico | página 21 |
| 02.2.2. | sobre a pequena África | página 22 |
| 02.2.3. | uma casa, muitas famílias | página 23 |
| 02.2.4. | ocupara para resistir | página 24 |
| 02.2.5. | panorama atual | página 25 |
| 03. | ato representativo | página 26 |
| 03.1. | maiúsculas | página 27 |
| 03.2. | minúsculas | página 30 |
| 04. | ato presentificativo | página 34 |
| 04.1. | um elemento contra-monumento, por um corpo não-domesticado | página 37 |
| 05. | conclusão | página 43 |
| 06. | bibliografia | página 44 |



01. INTRODUÇÃO

Localizada na cidade do Rio de Janeiro, a Zona Portuária ocupa 1/3 da região central e é constituída por três bairros – Saúde, Gamboa e Santo Cristo, que tem sua ocupação territorial estratégica iniciada como porto escravista no século XXIII e passou a ser uma região de interesse dos planos urbanísticos desde o fim do Império.

Principalmente nas últimas décadas, a Zona Portuária tem passado por transformações radicais, em busca de uma modernização da imagem da cidade no cenário global. Devido às falhas na maneira como os territórios, tanto materiais quanto imateriais, existentes ali são vistos e compreendidos nesses processos de renovação do tecido urbano, a região é caracterizada por metanarrativas de infraestrutura deficiente, ou seja, planejamento especulativo, consumismo crescente, sociedade neoliberal, governança precária, ambientes degradados, gentrificação, obras fantasmas e tantas outras. Por outro lado, ela é configurada por uma urbanidade carregada de memórias e micronarrativas que complexificam as metanarrativas generalizantes e simplistas.

HABITAR VALONGO é um projeto que objetiva analisar poética e politicamente os territórios do Valongo, operando com novas e heterogêneas ferramentas de ler e compreender os territórios incutidos ali, buscando romper as fronteiras interdisciplinares, com técnicas semificcionalis que esboçam novas ideias

para a região. Para tal, adota-se uma metodologia de assimilação e conflito entre a paisagem imaginada pelo vivido e sua construção territorial, a partir de atos correlatos semificcionalis de: apresentação, no qual o verbo valongar é introduzido e justificado, através de um quadro de histórias, memórias e esquecimentos cartografados; representação, elaborada como um alfabeto de símbolos, resultado das inquietações do primeiro ato e uma análise de projetos alternativos com um olhar desviado sobre a região; e presentificação, uma maneira propositiva de provocar e aproximar corpo e território.

A proposta de apresentação, representação e presentificação semificcionalis é um método que potencializa as multiplicidades de narrativas da Zona Portuária, rompendo com as metanarrativas e evidenciando estratégias conceituais, livre de bordas, aberta a instabilidade e incoerência, expondo micronarrativas que reinventam passados e lançam novos futuros.

A finalidade de trabalhar tensionando narrativas, é produzir um material empírico que problematize o agora e outrora, através de práticas sensíveis sobre os tecidos da cidade, legitimando as tensões entre os conflitos urbanos como fundamentais para a construção de teorias e práticas urbanas e de projetos urbanísticos mais democráticos.

02. ATO APRESENTATIVO

valongo

vallis-longus

Durante o Império Romano, uma região de povoação primitiva, atualmente localizada em território português, é significativamente ocupada pelos romanos para exploração das suas grandes jazidas minerais, é quando o local é batizado pelo nome de Valongo, originado nas palavras latinas Vallis e Longus. Posteriormente, foi dada continuidade no uso da palavra como topônimo para designar os locais geográficos em que se realizava o desembarque e comércio, especialmente, de escravos.

Assim como no local de origem da palavra, os outros locais batizados como Valongo nunca eram regiões constituídas por um núcleo populacional importante do ponto de vista urbano, possuindo importância predominante como centro portuário e comercial.

No Brasil, na atual Região Portuária do Rio de Janeiro, uma antiga enseada, habitada originalmente pela nação indígena Tupinambá, quando invadida pelos portugueses foi batizada pelo nome de Valongo, sendo na época delimitada ao norte pela Baía de Guanabara, ao sul pela Rua Larga de

São Joaquim (atual Av. Marechal Floriano), ao leste pela Pedra da Prainha (atual Pedra do Sal) e ao oeste pelos sopés do Morro do Livramento e Morro da Saúde. A enseada era composta por duas praias, que foram nomeadas por Vallongo e Vallonguinho.

Em 1770, a presença das embarcações negreiras atracadas na Praia do Peixe (atual Praça XV), e por consequência a venda de africanos escravizados nas proximidades, começou a incomodar a elite da cidade, sendo então criada uma legislação que determinou a transferência desse desembarque e comércio para a região do Valongo, devido a atividade portuária ser facilitada em locais de enseada, levando a construção do Cais do Valongo, no encontro entre as duas praias. Com o aumento aterrorizante do tráfico transatlântico de escravos, outras construções começaram a surgir na região, como casas, mercados, igrejas, praças e até mesmo uma vala para depositar e incinerar os corpos dos escravos que chegavam mortos, o Cemitério dos Pretos Novos. Em poucos anos o Valongo tornou-se a porta de entrada de mais de dois milhões de africanos escravizados em território brasileiro, o que configurou seus territórios como locais de culto e manifesto cultural das diversas etnias que se cruzavam por ali.

Após sancionada a Lei Áurea em 1888, que previa a abolição definitiva da escravidão no país, o Valongo passa a desembarcar também portugueses, italianos, judeus e outros imigrantes que vinham em busca de novas oportunidades na cidade em intensa expansão. Com isso, os tecidos da cidade estavam em constantes transformações, sendo massivamente aterrados, desterritorializados e dando origem a novas territorialidades, afetando diretamente a rotina dos antigos e novos moradores da região do Valongo, convertendo-a em um centro de transformação e expressão da cultura popular carioca e dos cruzamentos com as novas etnias que ocupavam o lugar, tornando-se também, por consequência, um ambiente de mobilização política.

Hoje, Valongo pode ser entendido como o lugar no qual diferentes culturas e etnias foram misturadas, onde formou-se o corpo daquilo que conhecemos por Cidade Maravilhosa. O que faz do verbo Valongar ação, processo e estado de se fazer passado e presente neste contexto de criação cultural e identitária da região portuária carioca e do Brasil como um todo.



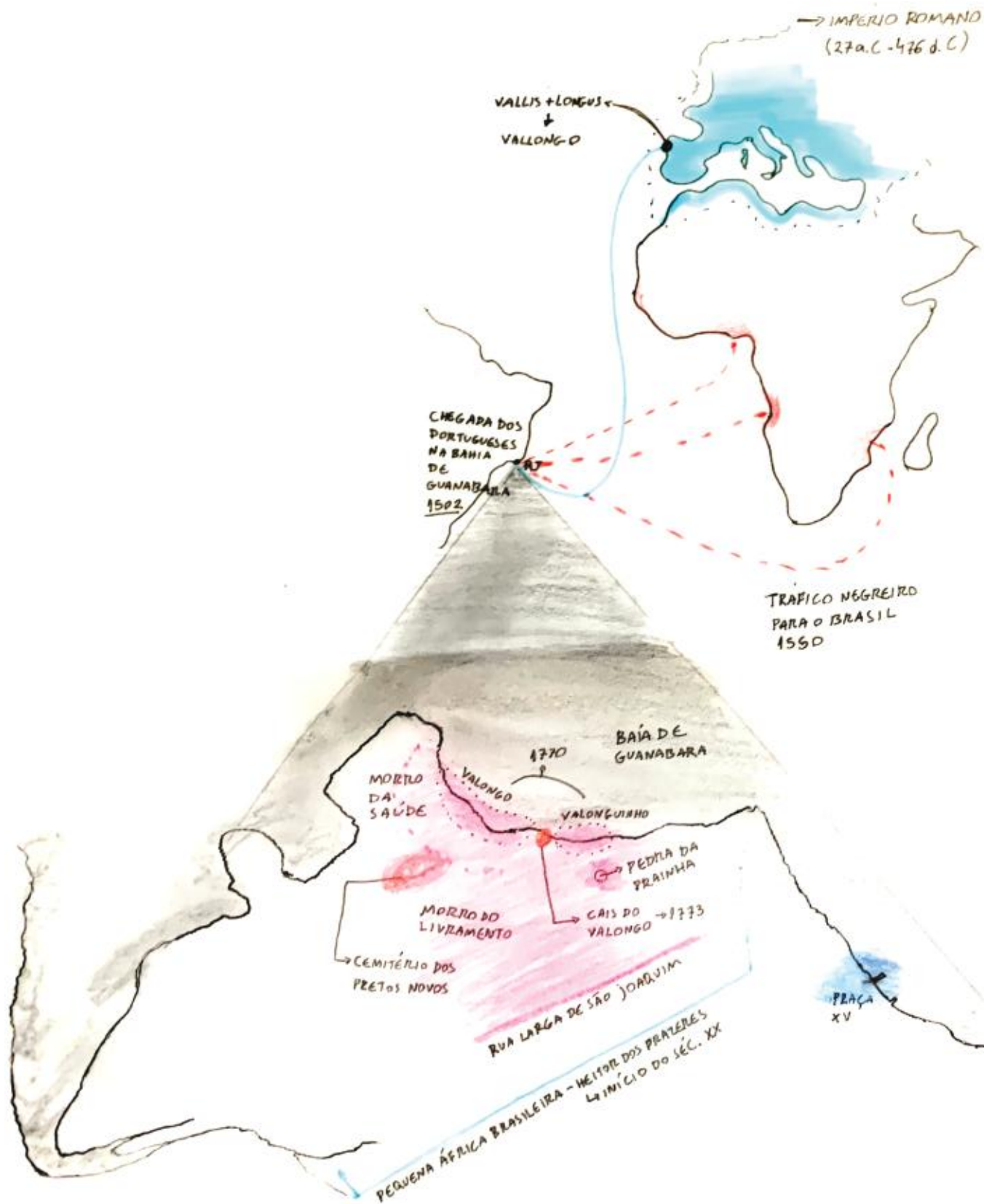
François Auguste Biard, 1849



O Mercado de Escravos, Chamberlain, 1832



Danse de la guerre, 1835, Johann Moritz Rugendas



Abstr: Ismael Bento, 1884



Roda de Capoeira, 1969, Arquivo Nacional



Samba da Pedra do Sal, 2019

02.1.

valongar (v.)

| | | | | | | | | | | | | |
|------------------------------------|-------------------|-------------------|-------------------|--------------------|-----------------|--------------------|--------------------|----------------------|--------------------|---------------------|-------------------|--------------------|
| INFINITIVO | valongar | | | | | | | | | | | |
| GERÚNDIO | valongando | | | | | | | | | | | |
| PARTÍCÍPIO | valongado | | | | | | | | | | | |
| INDICATIVO | | | | | | | | | | | | |
| presente | <i>eu</i> | valongo | <i>tu</i> | valongas | <i>ele/a</i> | valonga | <i>nós</i> | valongamos | <i>vós</i> | valongais | <i>eles/as</i> | valongam |
| Pretérito imperfeito | <i>eu</i> | valongava | <i>tu</i> | valongavas | <i>ele/a</i> | valongava | <i>nós</i> | valongávamos | <i>vós</i> | valongáveis | <i>eles/as</i> | valongavam |
| pretérito perfeito | <i>eu</i> | valonguei | <i>tu</i> | valongaste | <i>ele/a</i> | valongou | <i>nós</i> | valongamos | <i>vós</i> | valongates | <i>eles/as</i> | valongaram |
| pret. mais-que-perfeito | <i>eu</i> | valongara | <i>tu</i> | valongaras | <i>ele/a</i> | valongara | <i>nós</i> | valongaríamos | <i>vós</i> | valongáreis | <i>eles/as</i> | valongaram |
| futuro do presente | <i>eu</i> | valongarei | <i>tu</i> | valongarás | <i>ele/a</i> | valongará | <i>nós</i> | valongaremos | <i>vós</i> | valongareis | <i>eles/as</i> | valongarão |
| futuro do pretérito | <i>eu</i> | valongaria | <i>tu</i> | valongarias | <i>ele/a</i> | valongaria | <i>nós</i> | valongaríamos | <i>vós</i> | valongaríeis | <i>eles/as</i> | valongariam |
| SUBJUNTIVO | | | | | | | | | | | | |
| presente (<i>que</i>) | <i>eu</i> | valongue | <i>tu</i> | valongues | <i>ele/a</i> | valongue | <i>nós</i> | valonguemos | <i>vós</i> | valongueis | <i>eles/as</i> | valonguem |
| Pretérito imperfeito (<i>se</i>) | <i>eu</i> | valongasse | <i>tu</i> | valongasses | <i>ele/a</i> | valongasse | <i>nós</i> | valongássemos | <i>vós</i> | valongásseis | <i>eles/as</i> | valongassem |
| futuro (<i>quando</i>) | <i>eu</i> | valongar | <i>tu</i> | valongares | <i>ele/a</i> | valongar | <i>nós</i> | valongarmos | <i>vós</i> | valongardes | <i>eles/as</i> | valongarem |
| IMPERATIVO | | | | | | | | | | | | |
| imperativo afirmativo | ——— | valonga | <i>tu</i> | valongue | <i>você</i> | valonguemos | <i>nós</i> | valongai | <i>vós</i> | valonguem | <i>vocês</i> | |
| imperativo negativo (<i>não</i>) | ——— | valongues | <i>tu</i> | valongue | <i>você</i> | valonguemos | <i>nós</i> | valongueis | <i>vós</i> | valonguem | <i>vocês</i> | |
| INFINITIVO | | | | | | | | | | | | |
| infinitivo pessoal (<i>por</i>) | valongar | <i>eu</i> | valongares | <i>tu</i> | valongar | <i>ele/a</i> | valongarmos | <i>nós</i> | valongardes | <i>vós</i> | valongarem | <i>eles/as</i> |

valoning (v.) / english

valonggle (v.) / suaíle

hlala esigodini-eside (v.) / zulu

valongear (v.) / spanish

valongare (v.) / italiano

تسكن الوادي الطويل (v.) / árabe

valonger (v.) / french

居住在长谷 (v.) / chinês

מאכלסים את הוואלונגו (v.) / hebraico

Lance seus olhos sem preguiça ao outro.
Valongue-se.

valongo era o nome dado aos locais geográficos em que se recebia e se comercializava escravos. hoje, valongo pode ser entendido como o lugar no qual diferentes culturas e etnias foram ^{misturadas}. valongar é o ato de se fazer ^{passado e} presente neste contexto de criação cultural e identitária da região portuária carioca.

valongar (v.)
eu, valongo
tu, valongas
ele/ela, valonga
nós, valongamos
vós, valongais
eles/elas, valongam

E

S

M

U

G

A

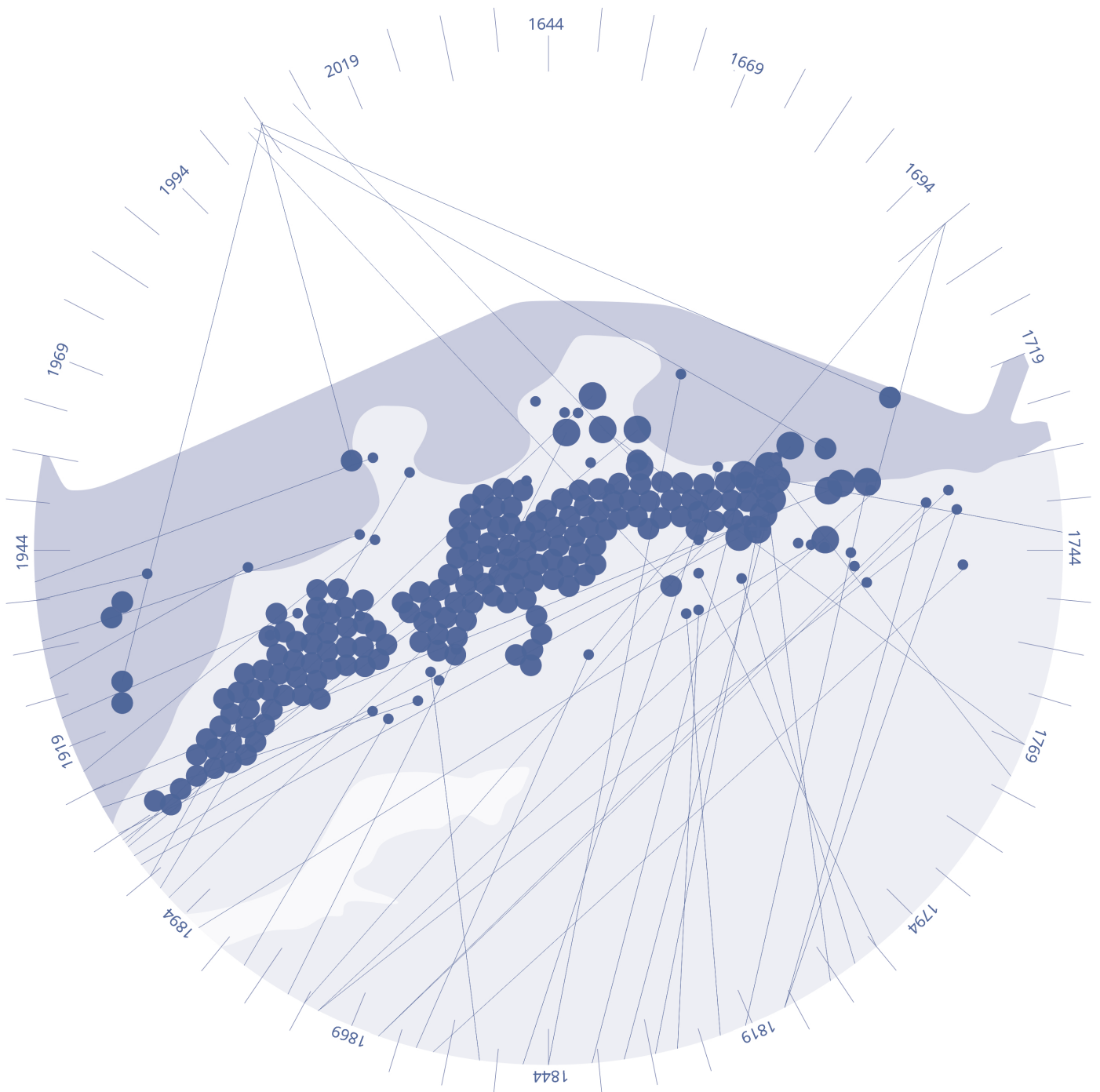
N

O

S







Rio de Janeiro, 1500



Rio de Janeiro, 2020

02.2. processo cartográfico

A invisibilidade social na região do Valongo, bem como no Brasil como um todo, detém múltiplas dimensões, que, por assim dizer, são resultantes de um obscuro processo de recalque daquilo que não é digno de ser visto, reconhecido e afrontado pela sociedade.

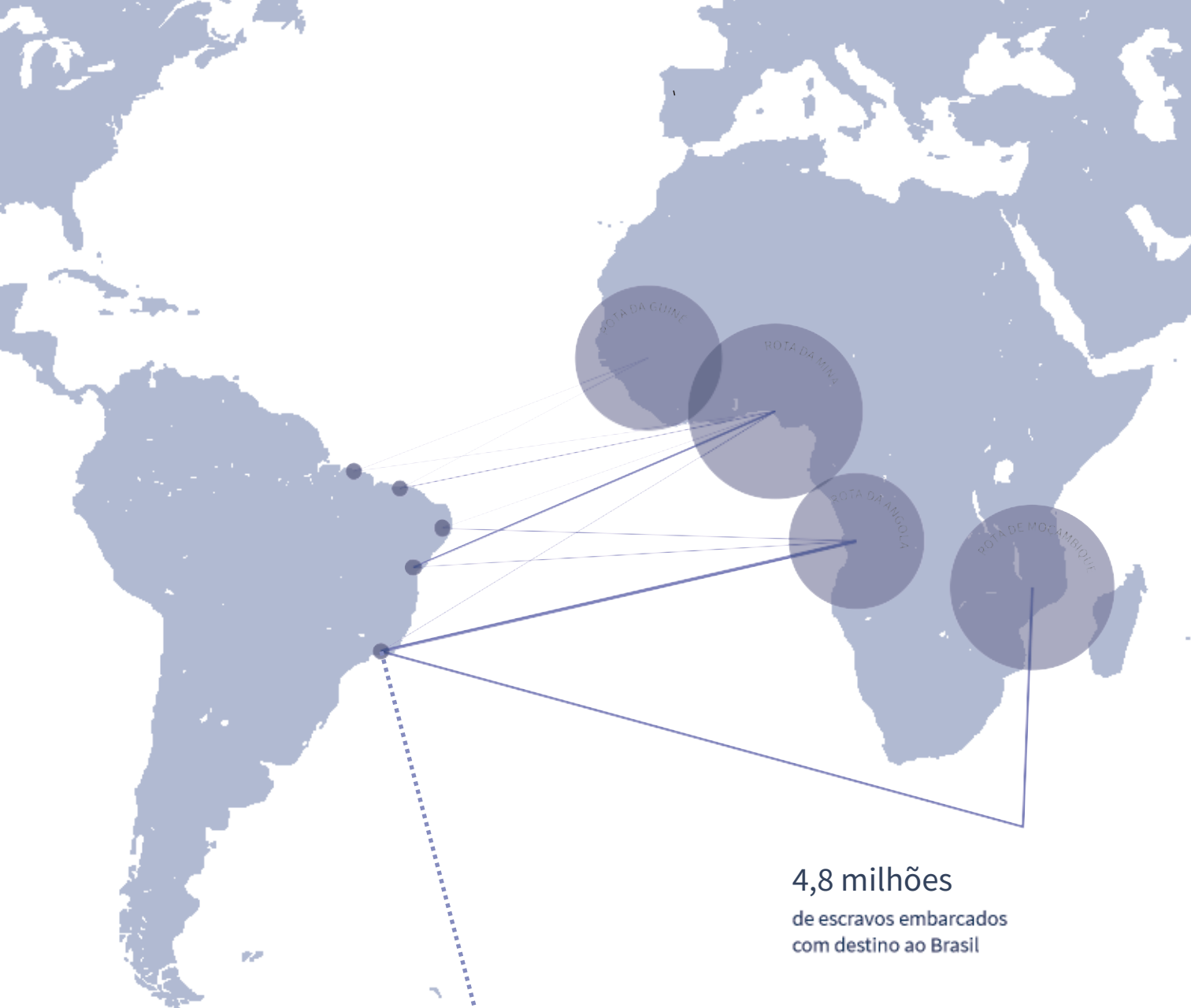
Através de movimentos sociais ao longo do último século, certas visibilidades foram dadas aos mecanismos de exclusão de minorias, como negros, mulheres, homossexuais e indígenas. Uma imersão de lutas por reconhecimento e direito à cidade começaram a ganhar maiores projeções, o que resultou na garantia de alguns direitos e maior aceitação. Contudo, novos meios de restrição e seleção vão sendo adotados e a consolidação desses direitos vão se tornando cada vez mais distantes.

Os territórios do Valongo, mais especificamente o Cais do Valongo, nas palavras do cineasta Dodo Azevedo (2017) “é o útero do Brasil. Um útero de pedra, sangue e rotina”. Ele nos reflete e foi palco de grande parte dessas lutas por direitos à cidade, se configurando como um extenso tecido rugoso da memória de múltiplos povos, motivando a luta por permanência daqueles que se identificam com essas superfícies presentes ali. De acordo com o sociólogo francês Halbwachs (1995), o lugar herda as marcas de um grupo na mesma proporção que este grupo recebe as marcas do lugar, logo, todas as atuações do grupo podem se exprimir em termos espaciais, e o lugar habitado por ele é tão somente a junção de todos os termos.

Essa marcante evolução dos espaços geográficos do Valongo, é evidenciada pela constante construção e reconstrução de padrões de ocupação do ambiente por aqueles que resistiram às renovações da imagem da cidade, o que motivou a criação do verbo provocativo e convidativo do ato apresentado anteriormente.

Contudo, antes de criar o verbo, o projeto se deteve a um longo método de cartografar os processos de ocupação dos territórios do Valongo, desvendando como o esquecimento e o abandono podem resultar em ações reativas dos grupos lesionados, levando-os a um processo contínuo de luta e ocupação do território, motivados por uma rememoração que subverte as complexas estratégias dos planos urbanísticos.

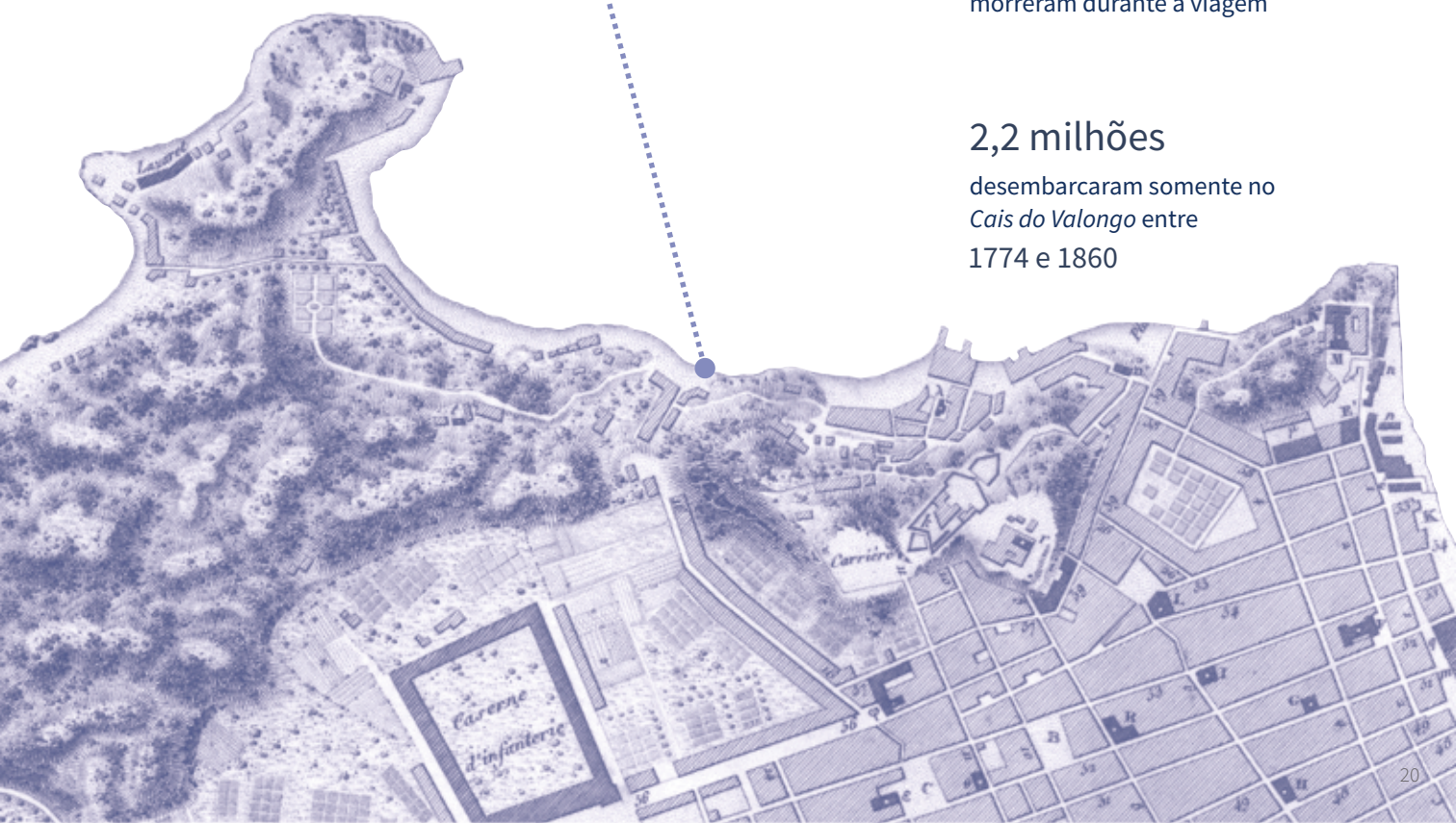
A seguir, os processos cartográficos serão apresentadas e melhor justificadas, Iniciando, como vimos, com o tráfico transatlântico de escravos, o que dá início a um longo movimento de ocupação dos espaços do Valongo, desde o uso da rua como local de expressão cultural e política, passando pelo surgimento dos cortiços como alternativa barata de moradia, até desencadear na ocupação de morros, como o da Providência, ato reativo às repressões sofridas nos processos de remodelação da cidade por Pereira Passos, sendo continuado até os dias atuais com a ocupação de edifícios abandonados na região.



4,8 milhões
de escravos embarcados
com destino ao Brasil

800 mil
morreram durante a viagem

2,2 milhões
desembarcaram somente no
Cais do Valongo entre
1774 e 1860



02.2.1. TERRITÓRIO TRANSATLÂNTICO

O comércio transatlântico de escravos com destino ao Brasil tem início ainda no século XVI. Com o tempo, a epifania africana ganhou uma escala estrondosa e o Rio de Janeiro se tornou o principal ponto de desembarque.

A região do Valongo, como visto, se configura como o local ideal para essa prática desumana por volta do ano 1774, quando por determinação do vice-Rei Marquês do Lavradio, o comércio de africanos não ocorresse mais nos limites da "cidade", sendo então transferido da Praça Quinze de Novembro ao Cais do Valongo, tornando-o, em poucos anos, o maior porto escravagista da história da humanidade.

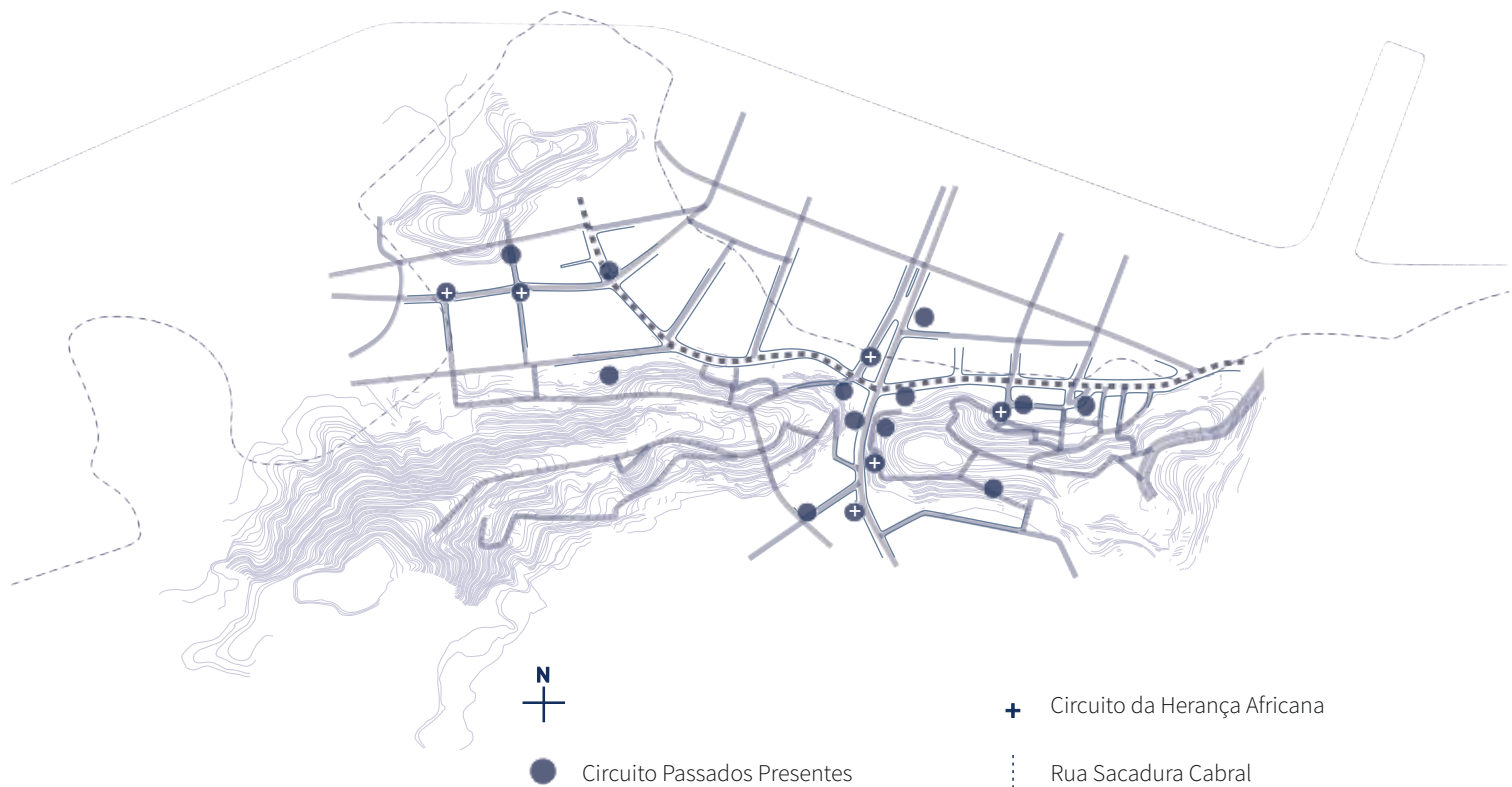
Avalia-se que no Valongo tenham desembarcado mais de 2 milhões de pessoas. Esse tráfico humano gerou a construção não somente de portos, como também de locais de desova, quarentena, permanência e venda de escravos no local.

Os escravos eram levados para fora da capital para trabalhar nas plantações de café, fumo e açúcar no interior e em outras

regiões do país, principalmente no Vale do Paraíba e em São Paulo. Os que ficavam pela cidade, geralmente viravam domésticos ou serviam como mão de obra nas obras públicas da cidade cada vez mais em expansão.

Alguns dos escravos possuíam habilidades específicas, como sapateiro, quitandeiro, ouvires ou cabeleireiro, e ganhavam dos seus senhores o direito de exercer tais funções, tornando-se escravos de ganho. Uma parte dos seus lucros era destinada ao seu senhor, outra parte ficava para o escravo, que tinha uma vida independente, pagando aluguel, na maioria dos casos, em casas multifamiliares, e com o tempo, alguns conseguiam economizar o dinheiro necessário para comprar a alforria.

A cartografia ao lado foi construída através dos dados de um mapa interativo produzido por slate.com, que fornece os dados de todas as embarcações de escravos realizadas no mundo até o ano de 1860 e aprimorada com informações do site sohistoria.com.br



02.2.2. SOBRE A PEQUENA ÁFRICA

Logo no início do século XX, época marcada por diversas transformações urbanas na cidade, Heitor dos Prazeres, artista e sambista, batiza a região do Valongo como Pequena África brasileira em homenagem a uma série de patrimônios culturais construídos pelas etnias africanas que ocuparam aqueles territórios.

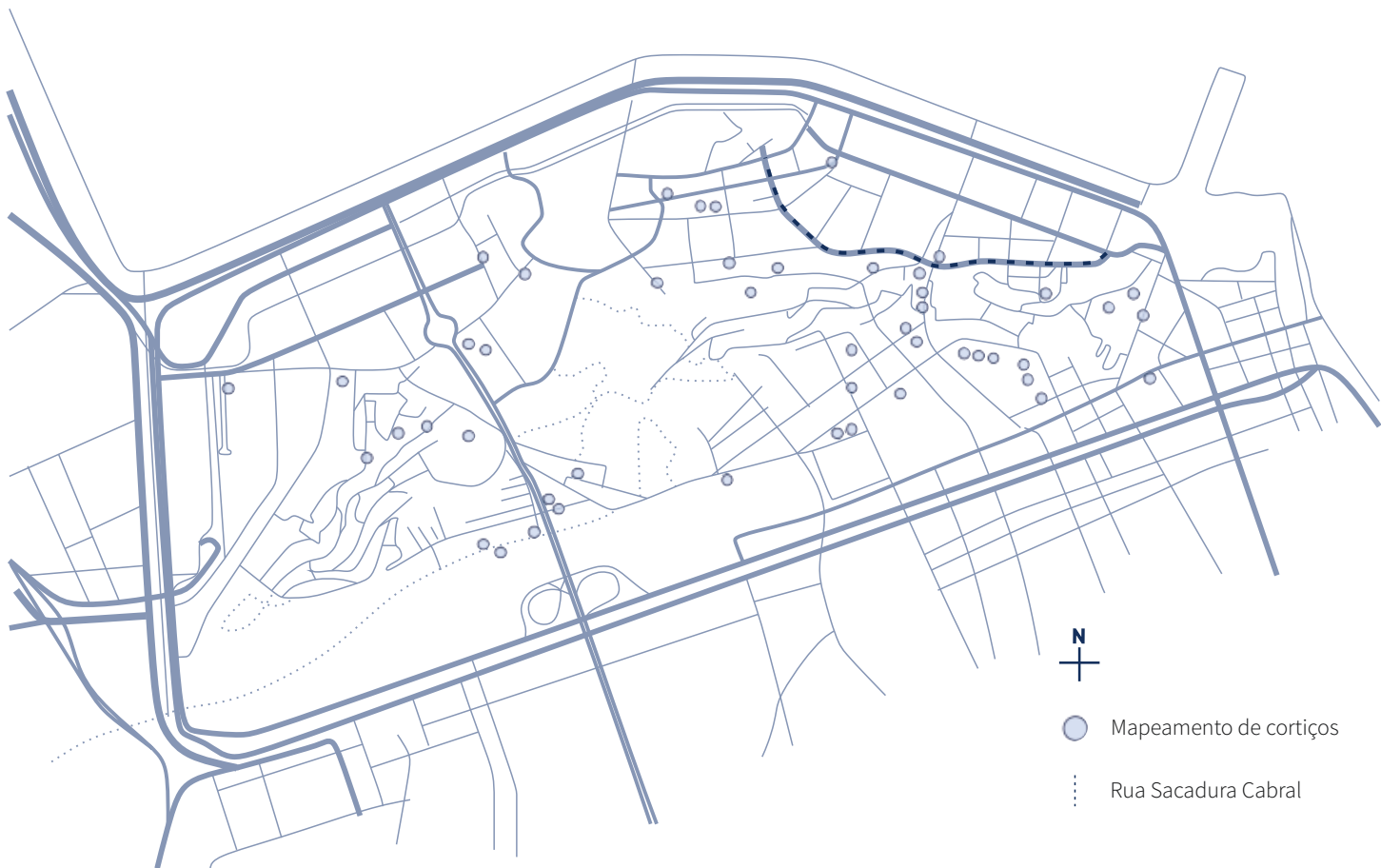
São marcas permanentes de um passado latejante.

Segundo Milton Guran (2016), o maior porto escravista da história da humanidade se encontra no Rio de Janeiro, o Cais do Valongo. Os que desembarcavam no Cais e não resistiam ao horrendo processo de tráfico, eram desovados em uma vala aberta na região, descoberta recentemente e reconhecida como o Cemitério dos Pretos Novos, o registro de um passado de impunidades.

Já os que sobreviviam e permaneciam sendo escravizados na região e pela cidade, reconheceram pelas ruas do Valongo, a possibilidade de expressão cultural, que era extremamente reprimida em outros locais.

Entre os séculos XIX e XX, milhares de migrantes e imigrantes de várias etnias começam a chegar à cidade através dos portos do Valongo, caracterizando a Pequena África como o centro da gênese cultural e identitária carioca e de uma série de novas maneiras de motivações políticas.

O mapa acima é adaptado da pesquisa realizada pelo projeto “Passados Presentes” e apresenta uma sucessão de patrimônios materiais e imateriais que resgatam a memória petra da cidade.



02.2.3. UMA CASA, MUITAS FAMÍLIAS

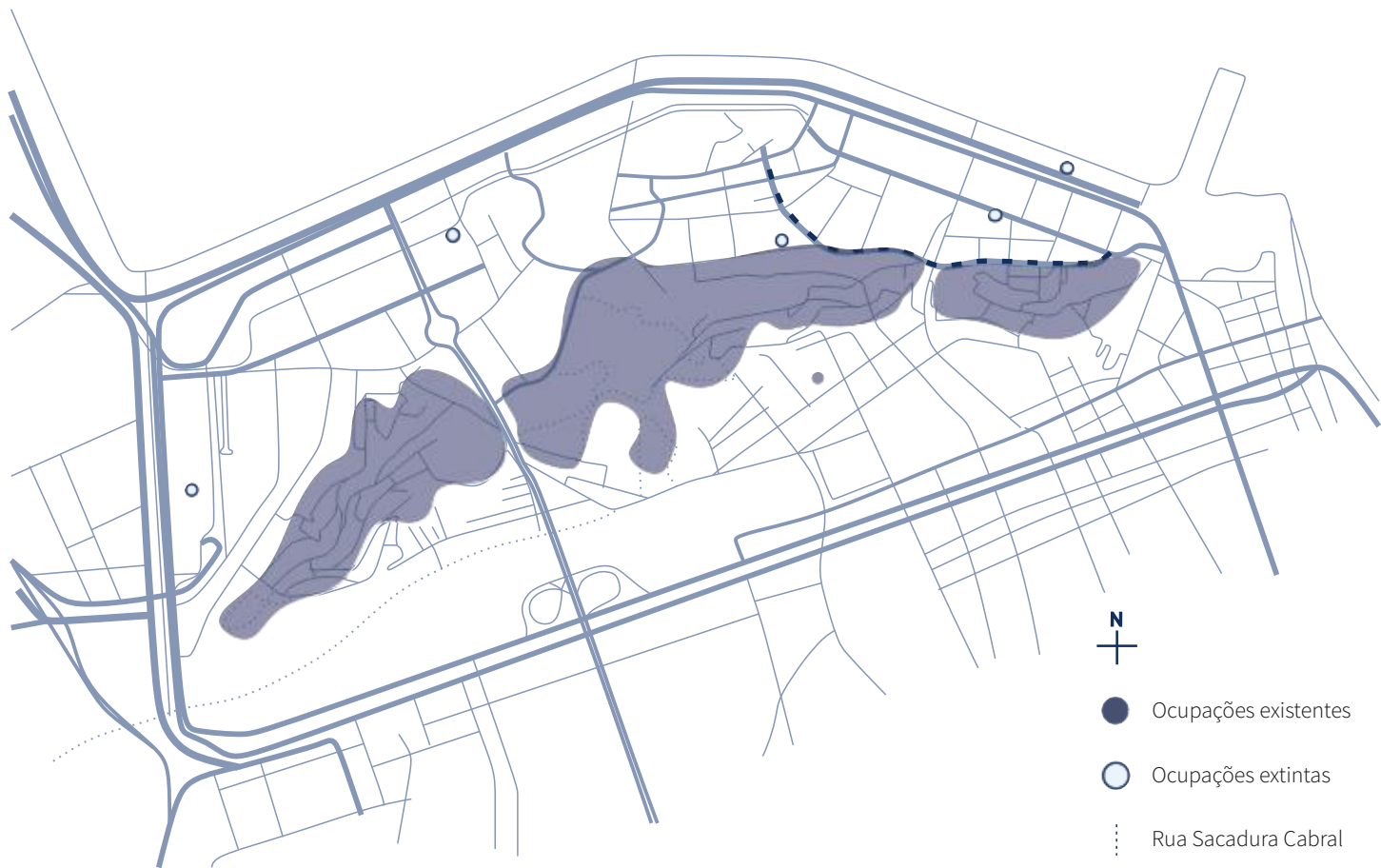
Os cortiços, a grosso modo, são aquelas habitações em que mais de uma família coabita um mesmo imóvel, seja de forma temporária ou permanente.

As casas da região do Valongo tornaram-se cortiços ainda durante o século XVIII e, ao final do século XIX, com o aumento descontrolado da população carioca, atrelado a uma política habitacional escassa, os cortiços, já muito comum entre os ex-escravos, surgiram também como alternativa de moradia para a população de baixa renda que desembarcava na cidade.

Desde então, a população residente nesses cortiços lutam pela permanência no local.

Essas famílias correspondem a um total de aproximadamente 1120 pessoas, morando em cerca de 712 quartos, em 54 cortiços na região da Zona Portuária, de acordo com dados do projeto científico Prata Preta (2018). A cartografia a cima aponta a localização desses cortiços na região.

Apesar da importância histórica dessas habitações para a construção da identidade e da heterogeneidade da cidade, são poucas delas reconhecidas pelas políticas públicas e protegidas, estando grande parte submetidas às ameaças dos planos urbanísticos e arquitetônicos de remodelação dos bairros da Região.



02.2.4. OCUPAR PARA RESISTIR

Nos últimos anos, em uma evidente retomada de velhas estratégias de desterritorização, a Zona Portuária foi palco, mais uma vez, de grandes intervenções urbanas que desprezam a importância das micronarrativas de personagens da construção da identidade da cidade, negando o direito ao lugar e moradia das populações de baixa renda, o que configura um quadro de ocupações de edifícios públicos abandonados na região portuária carioca.

A motivação para tais ocupações se deve a uma necessária consequência de se habitar a centralidade, por diversas razões, principalmente uma rememoração que extrapola o tempo presente.

A cartografia apresenta graficamente a localização de algumas destas ocupações, que se iniciam com a ocupação do morro da Providência no final do século XIX, após o início das remodelações da cidade por Pereira Passos, e se intensificam ao longo dos primeiros anos do século XXI, devido ao grande abandono de edifícios públicos e a falta de investimento em habitação de interesse social na região.

As informações mapeadas foram extraídas dos dados da pesquisa realizada pela especialista em sociologia urbana Luciana Ximenes (2017).

02.2.5. PANORAMA ATUAL



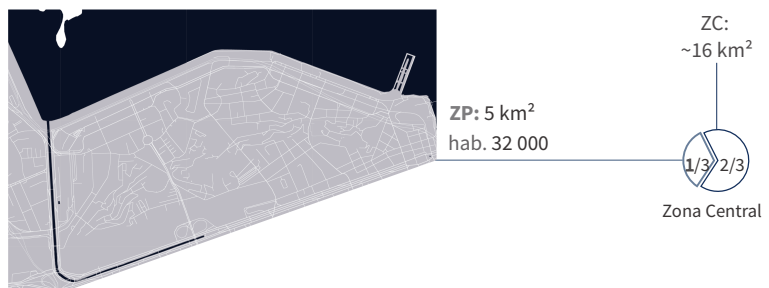
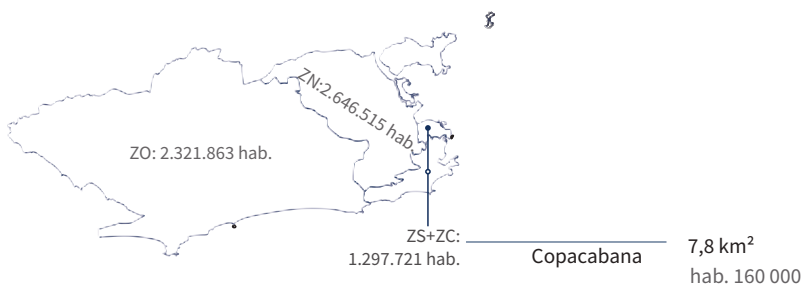
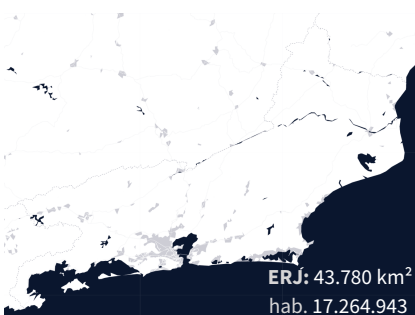
As análises apresentadas nas cartografias anteriores, não deixam dúvidas das diversas camadas de tempo presentes no tecido urbano da região portuária.

Contudo, a mesma encontra-se num quadro atual alarmante: possui uma das melhores infraestruturas urbanas do Rio de Janeiro e contém míseros 32 mil habitantes, cerca de 5% dos moradores da cidade.

Os desejos dos planos urbanísticos por uma imagem diferente à sua paisagem, expulsando populações e elaborando estratégias de valorização imobiliária, a colocaram num processo de deterioração física e esvaziamento econômico.

O discurso de que a paisagem urbana do local se associa ao empobrecimento, criminalidade, prostituição e violência é usado como justificativa para as estratégias de mudanças urbanas do projeto Porto Maravilha, o que retomou as velhas estratégias de territorialização por metanarrativas.

Porém, os múltiplos territórios reunidos no Valongo, o faz não ter uma identidade claramente definida, sendo o resultado de híbridas culturas, o que provoca um movimento de reterritorialização dos povos afetadas a cada novo projeto de desterritorialização, garantindo a sobrevivência das reminiscências.



03. ATO REPRESENTATIVO

Perante um presente que se concebe cada vez mais distópico, no qual todo um passado de escravidão é continuado por um racismo estrutural, nos cabe refletir sobre um futuro preto.

Contudo, como podemos aspirar por tal futuro, se o próprio passado das etnias pretas diaspóricas foi ostensivamente roubado e extinto pela escravidão? Se os grupos pretos pós-escravidão também tiveram o direito a construção de um passado negado? Como podemos falar de uma paisagem futura, se até há pouco tempo nós, enquanto sociedade, fomos proibidos pelo sistema de ter acesso às imagens da realidade do nosso passado? O presente foi construído por um longo processo de escravidão, e ao falar isto, quero dizer que o nosso país foi gestado sobre o aterro massivo das reminiscências culturais das etnias africanas. Falamos de um esquecimento que é concebido, estruturado e mantido no tecido urbano de nossas cidades. úsculas as micronarrativas.

Por outro lado, essa ausência, provocada pelo esquecimento, traz

conigo uma possibilidade para a livre criação de montagens, pois é nesses lapsos que torna-se possível uma reelaboração do passado e uma proposta hipotética de futuro, saturada de críticas culturais, um cruzamento entre narrativas, ficções, urbanidades e futuros.

Essas montagens recuperam memórias perdidas, impactando no presente e inspirando novas ideias de futuro. Ir além de um passado ruim, friccionando histórias de outrora e de agora, desenterrando outros corpos, outros territórios, para provocar uma memória involuntária, capaz de interromper a história da catástrofe e se apropriar das reminiscências possíveis na construção do futuro de nossas cidades.

Para tanto, como resultado das análises cartografadas, a seguir, vamos primeiramente desvendar as falhas na maneira como os territórios, tanto materiais quanto imateriais, existentes na região do Valongo são vistos e compreendidos nesses processos de renovação do tecido urbano, a caracterizando por metanarrativas de infraestrutura deficiente, ou seja, planejamento especulativo, consumismo

crecente, sociedade neoliberal, governança precária, ambientes degradados, gentrificação, obras fantasmas e tantas outras. Seguido, por outro lado, pela exploração de uma urbanidade presente no Valongo que é carregada de memórias e micronarrativas que complexificam as metanarrativas generalizantes e simplistas.

A maneira encontrada neste projeto de copilar essas contradições nos sistemas, métodos e símbolos que configuram o Valongo, foi através da elaboração de um alfabeto, que vamos denominar *como Atrito*.

O Atrito é um alfabeto composto pela reunião de tipologias vinculadas às letras tradicionais. Estas tipologias refletem o conflito entre as meta e micronarrativas no Valongo. Nas formas maiúsculas, são representadas as metanarrativas, figuras de grande repercussão midiática, enquanto nas minúsculas as micronarrativas ganham espaço, revelando imagens de símbolos comuns do cotidiano da região, um atrito entre o que é visto e o que é invisibilizado.



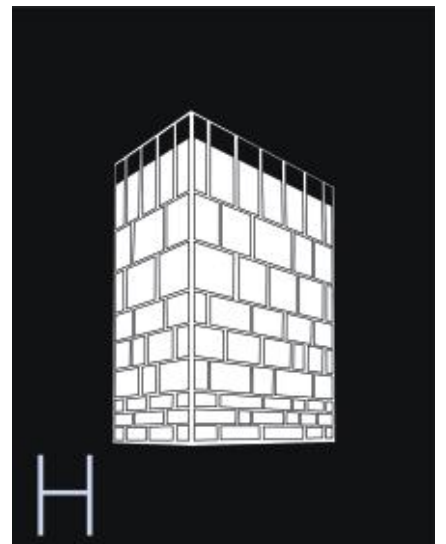
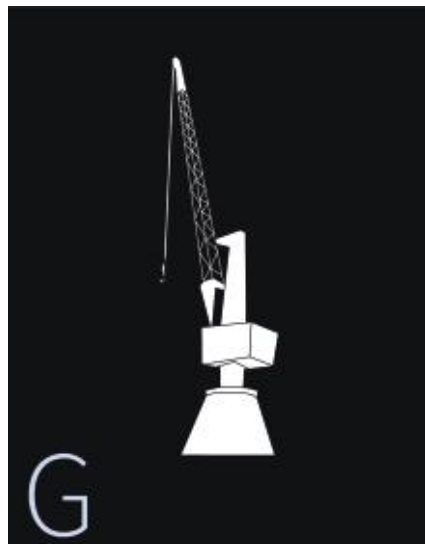
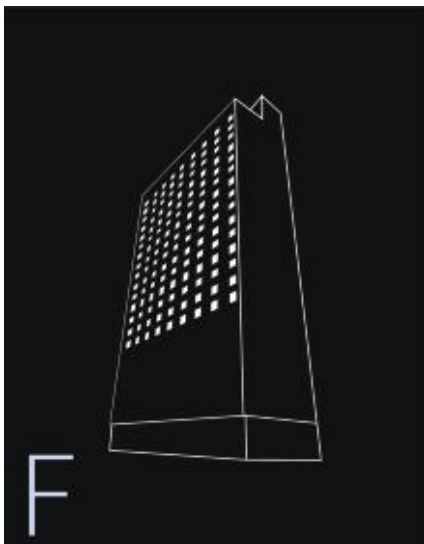
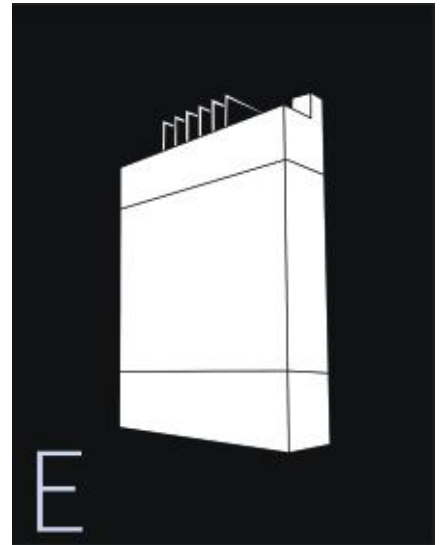
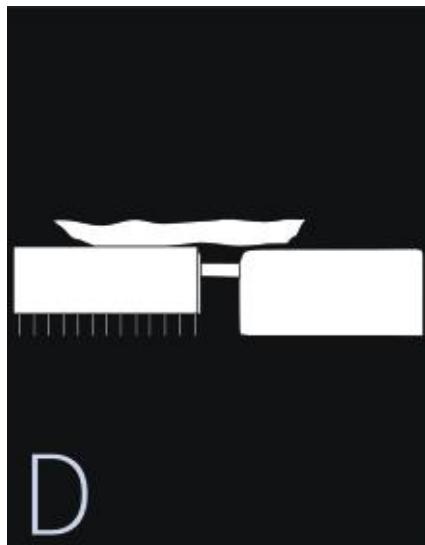
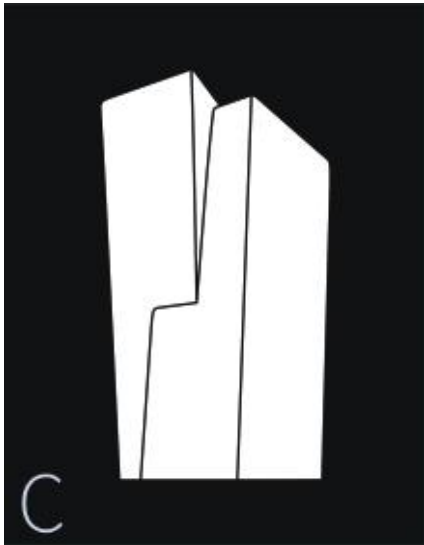
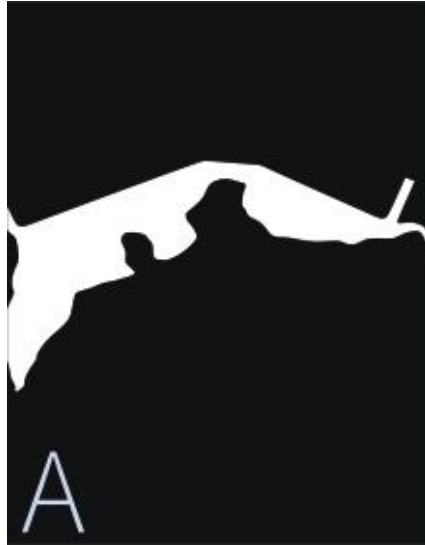
FotoExpandida_2013. Rio de Janeiro

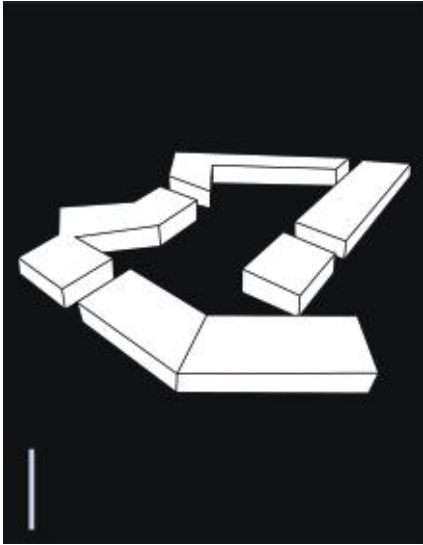


Consórcio Porto Maravilha_2012. Rio de Janeiro

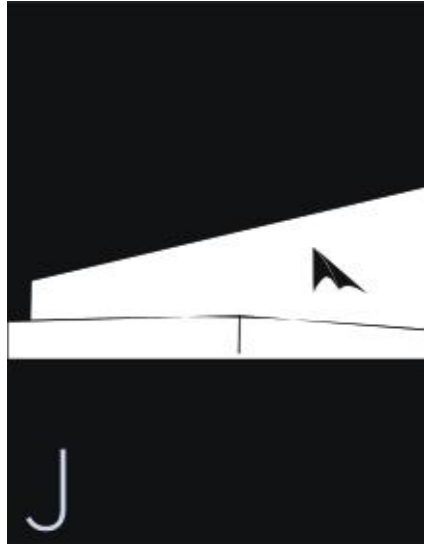
03.1.

maiúsculas

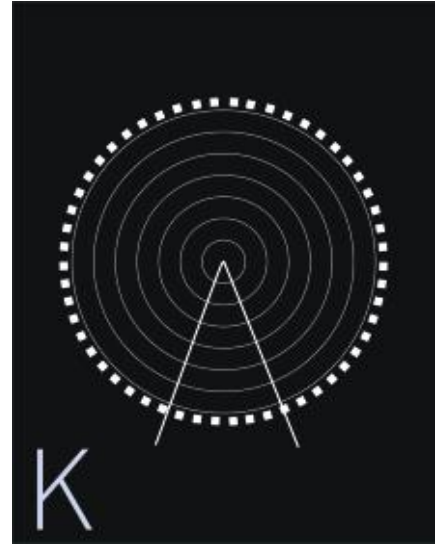




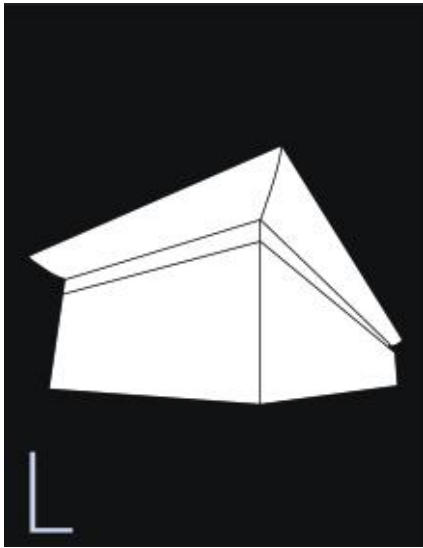
I



J



K



L



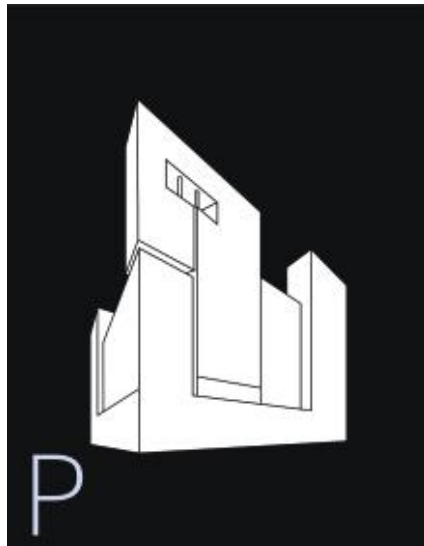
M



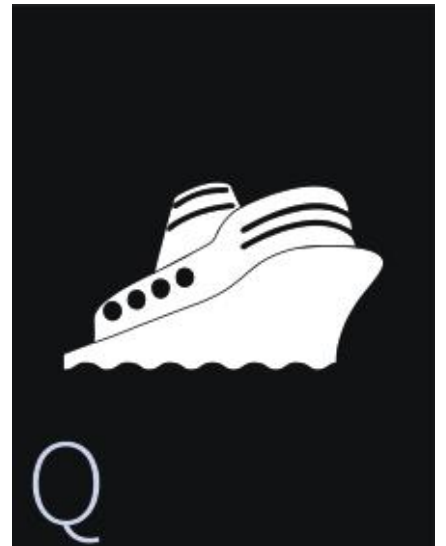
N



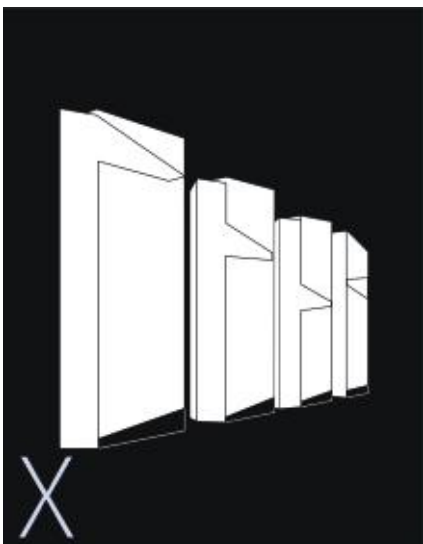
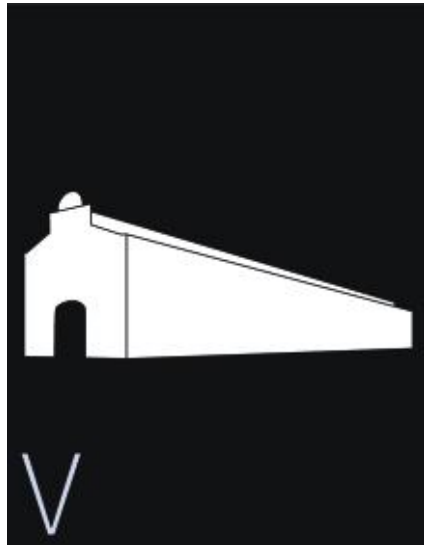
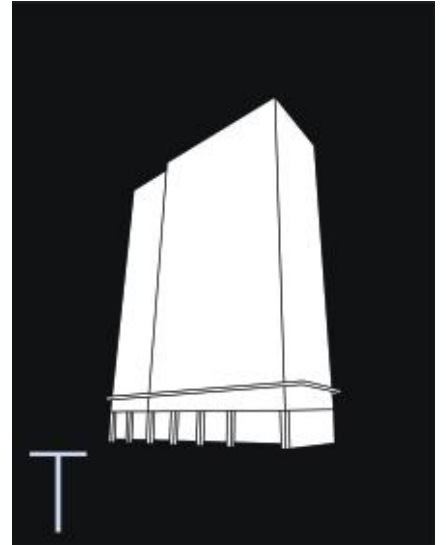
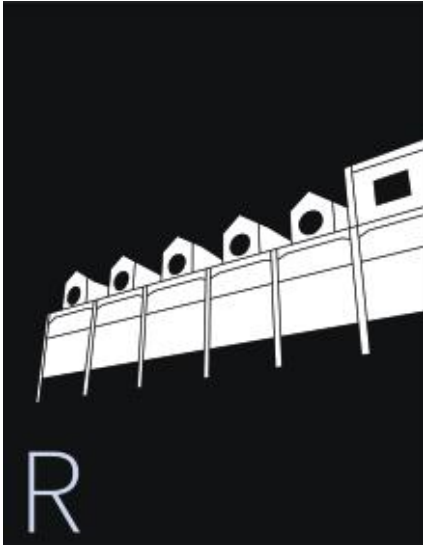
O



P

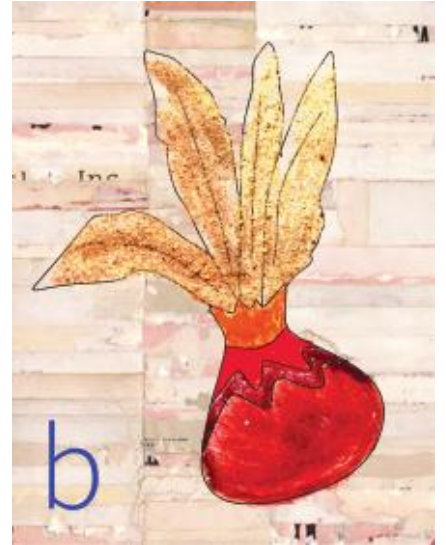
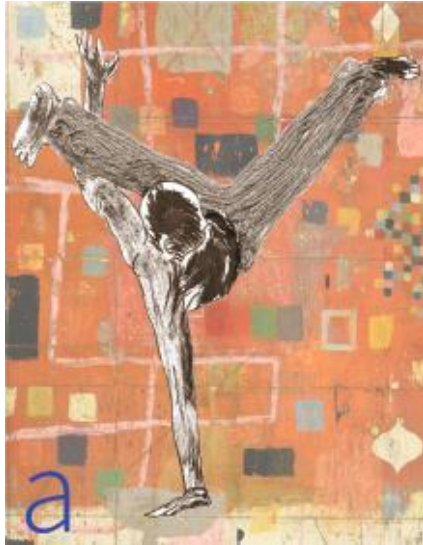


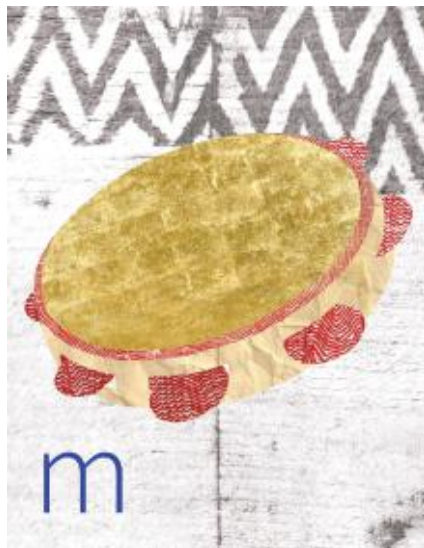
Q

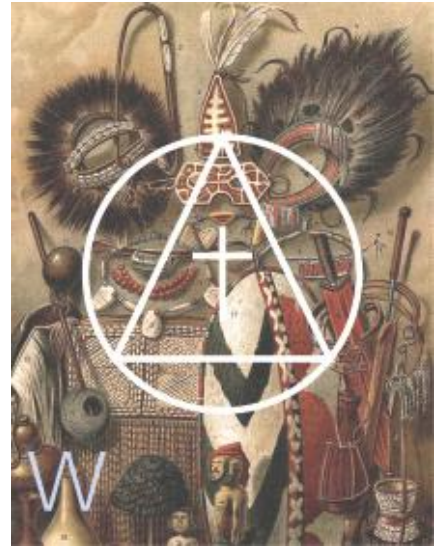


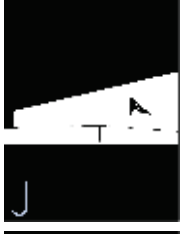
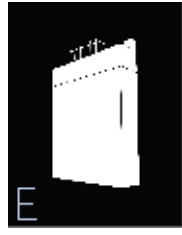
03.2.

minúsculas









04. ATO PRESENTIFICATIVO

Nas últimas décadas, o mundo tem passado por um processo reverso ao do século passado, enquanto na época havia-se uma preocupação com o futuro e com a criação de uma imagem moderna para as cidades, agora inaugura-se um fenômeno de urgência da memória como centralidade das iniciativas urbanas, políticas e culturais das sociedades. Porém, segundo Huyssen (2000), sofremos com um estágio de comercialização global da memória, transformando os traumas do passado em uma fonte lucrativa do presente. O que ocorre é uma reapropriação do passado histórico por uma memória instruída pela história e muitas vezes lesionada por ela.



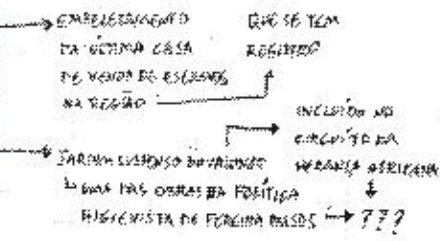
Jardim Suspenseo do Valongo, 2018.

Numa leitura sistemática das propostas políticas para o planejamento urbano da Região Portuária nos últimos anos, há nas estratégias um evidente esforço para dissipar memórias que contradizem os parâmetros desejados para a região, adotando medidas representativas que ocasionam nas metanarrativas de infraestrutura deficiente mencionadas, introduzindo uma ideia de preservação de identidades culturais como maneira de potencializar econômica e turisticamente o local, o que para Huyssen (2000) tem levado a sociedade a um consumo de memórias imaginadas para serem comercializadas em massa e facilmente esquecidas.

Para o filósofo Paul Ricœur (2003), o esquecimento é um dos aspectos da condição humana, mas ele ainda destaca que, de acordo com a psicanálise, esquecemos menos do que acreditamos ter esquecido, basta uma situação que remeta a algum fenômeno do passado, para que o que encontrava-se inconsciente volte a nos afetar.

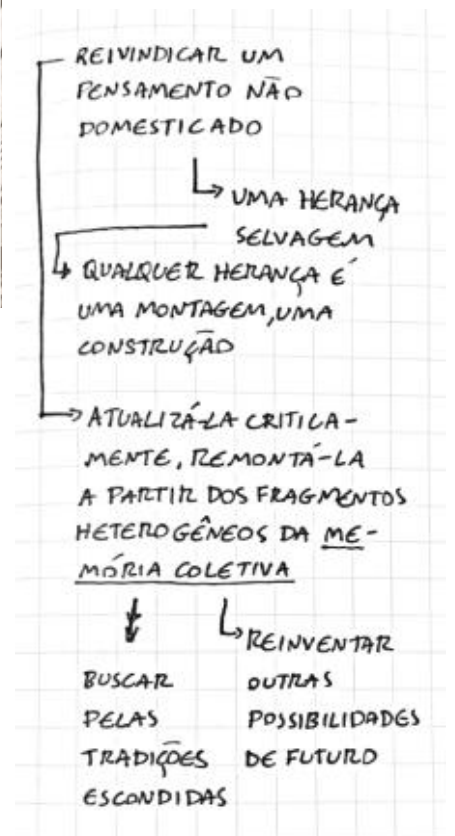


Imagem de Marielle Franco estampada sobre a pintura de Zumbi dos Palmares, Pedra do Sal, 2019.



As camadas de tempo contidas nos tecidos urbanos do Valongo, estão carregadas dessas reminiscências, o que faz dele um lugar político de reflexão, sua paisagem urbana é muito mais intensa do que apenas seus edifícios e monumentos, é detentora de uma memória imaterial estabelecida pela geografia dos corpos que articula a concepção e percepção dos espaços. Porém, os projetos urbanísticos para a região são dotados de estratégias para causar um efeito sedutor sobre seus receptores, em prol de um interesse específico, as táticas usadas criam um comportamento mágico programado na sociedade, distorcendo realidades.

A imaginação por si só é uma relevante ferramenta articuladora de modos de apresentar, representar e presentificar um lugar, as imagens são capazes tanto de criar realismo, como, sobretudo, de abrir caminhos para a ficção atuar como uma forma de acender a um conhecimento. Questiona-se aqui se seria possível criar esse caminho também através de um projeto do dualismo, um híbrido do cruzamento entre micronarrativas e a própria arquitetura e o urbanismo.



Anotação pessoal.

Em uma de minhas visitas ao Valongo, pude conhecer três personagens que ocupam esse território e que expressam em seus corpos símbolos, desejos e aflições sobre este lugar tão importante na construção de suas memórias. São eles:

José Manoel, nascido em 1934, possui uma relação direta com o processo de movimento pendular comum a boa parte dos moradores da cidade. Manoel, aos 86 anos, se desloca de trem diariamente de Mesquita até a Rua Sacadura Cabral, onde trabalha desde muito novo. Durante seus anos de vida, pode presenciar as transformações no tecido urbano da cidade, sendo amante das antigas salas de cinemas de rua, muito comum na cidade até 1970 e tendo presenciado o apogeu e declínio da Rádio Nacional.



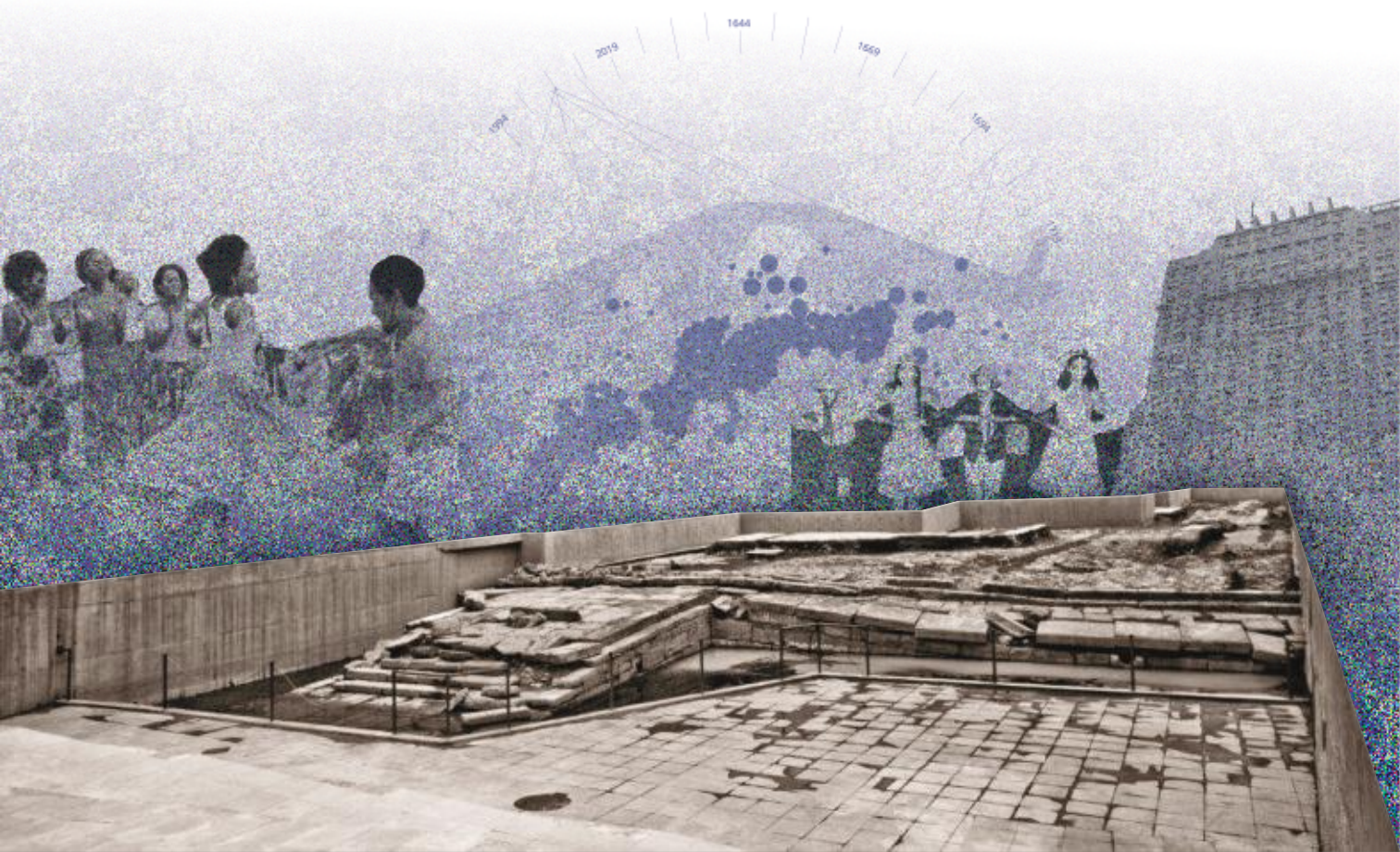
Maria Estela, nordestina nascida em 1958, migra para a região portuária aos 40 anos em busca de novas oportunidades, devido a vida precária vivida no Ceará. Outra situação comum há muitos brasileiros, de acordo com o IBGE, entre 1995 e 2000, cerca de 10 a 30 mil nordestinos migraram para a cidade junto com Maria. Moradora de um cortiço na Sacadura Cabral, ela trabalha fazendo quentinhas, nos anos iniciais que chegou por aqui, era comum puxar uma cadeira para o meio da calçada e ficar horas conversando com os vizinhos, e no final do dia, todos iam para o samba da Pedra do Sal.

Ana Maria, filha de portugueses, nasceu em uma casa de cômodos na Sacadura Cabral. Ali ela cresceu e continuou morando após seu casamento. Durante muitos anos participou das festas juninas comunitárias que ocorriam na rua do Propósito, com direito a imensas fogueiras no topo da rua. Com o início das obras do projeto Porto Maravilha, Ana não foi uma das descendentes de portugueses agraciadas com incentivos para continuar morando no local, sentindo-se pressionada a mudar de bairro, voltando anos depois para trabalhar em um comércio na mesma rua. Ana faz parte de um número bem maior de moradores que se viram obrigados a abandonar a região devido ao processo de gentrificação, alguns deles brutalmente expulsos, como as mais de 1000 famílias que eram moradoras de cortiços e ocupações que foram extintas.



Quando essas três histórias se cruzam, devires germinam. Elementos comuns das rotinas deles e de tantos outros habitantes de agora e de outrora, se transformam de micronarrativas a símbolos de um desejo crítico, de uma potência que aflora, alegre e plástica, comprometida no ato criativo, capaz de habitar entre diferentes temporalidades e memórias. Um exemplo de uma visão clara desses devires, é o carnaval brasileiro, revolucionado pelo cruzamento entre diferentes etnias e tensões políticas, dando a ele seu atual aspecto universal.

Nesta perspectiva, o que se propõe a seguir não é utópico, tampouco norteia-se pelo real. Trata-se da visão de um devir de multiplicidades, possível através da arquitetura, cuja razão se dá por ser um elemento do nosso cotidiano. Influenciando nos modos de agir, concebendo caminhos, estimulando a imaginação e remodelando a paisagem na qual se introduz. A arquitetura detém a capacidade de inquietar e despertar nos corpos um devir.



04.1. Um elemento contra-monumento, por um corpo não-domesticado

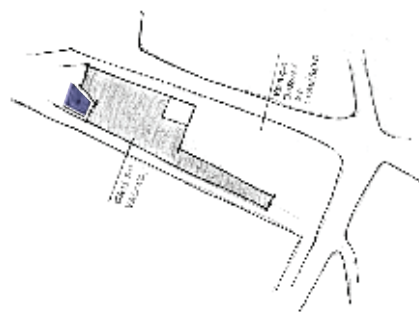
Quando o Cais do Valongo é decretado um monumento e exposto como um marco histórico da cidade, quem o avista se sente satisfeito ao ver aquelas ruínas cercadas por grades ou se sente desconfortável com a história da catástrofe que ele simboliza?

Como já comentado, para reivindicar outras possibilidades de futuro, antes é preciso friccionar o agora e o outrora, dando origem a uma memória involuntária, capaz de interromper a real tragédia que o Cais do Valongo significa.

Através da inserção de um elemento a contrapelo, que causa desconforto por intervir no traçado da Praça do Comércio, que resguarda o Cais do Valongo, mas que materialmente está atrelada às tantas outras metanarrativas da região, objetiva-se uma oposição à história oficial, que submetida às classes dominantes, oculta as micronarrativas constantes nas lutas dos oprimidos do passado e do presente.



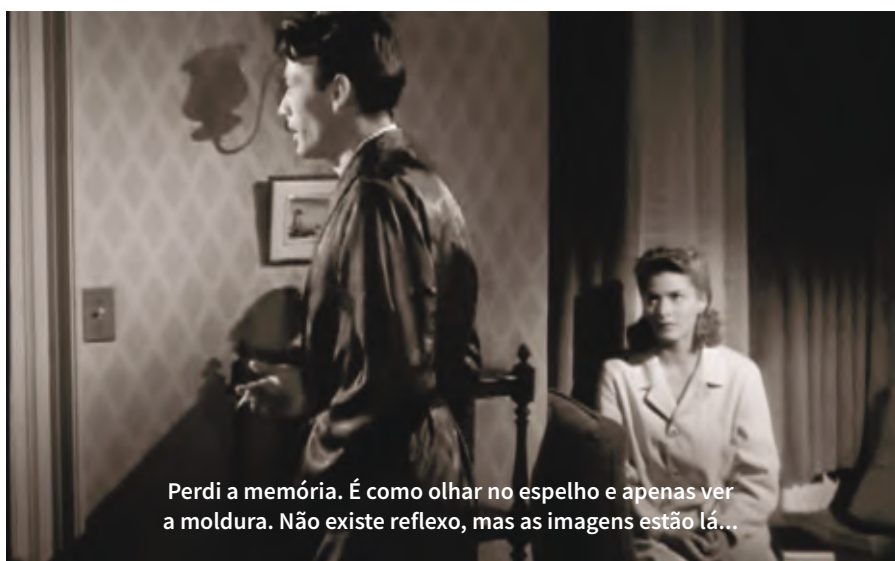
Sobreposições das fotos do coletivo FotoExpandida, 2013, sobre a Monotipia do Cais do Valongo de Carlos Vergara, 2019.



O elemento propositivo é baseado no que o James Young (1994) denomina de contra-monumento, uma vez que os monumentos tradicionais atuam como um consolo, impedindo a rememoração e fortalecendo o esquecimento. Ou seja, usa-se da forma material do monumento como maneira de bloquear uma reflexão.

O contra-monumento, por outro lado, atua contrário a uma interpretação linear e parcial da história. É um elemento mutável, que reage ao tempo espaço e desaparece materialmente, mas que deixa seus rastros imateriais. O vazio deixado pelo contra-monumento, além de narrar uma ruptura e ausência histórica, transfere para quem o presencia a responsabilidade de recordar e atuar contra as injustiças na construção de um outro futuro.

Mas como poderia se dar esse elemento sem cair na armadilha de fazer dele mais uma maneira de imposição, aceitação e/ou assimilação já tão comum nos outros elementos dos projetos urbanísticos para a região?



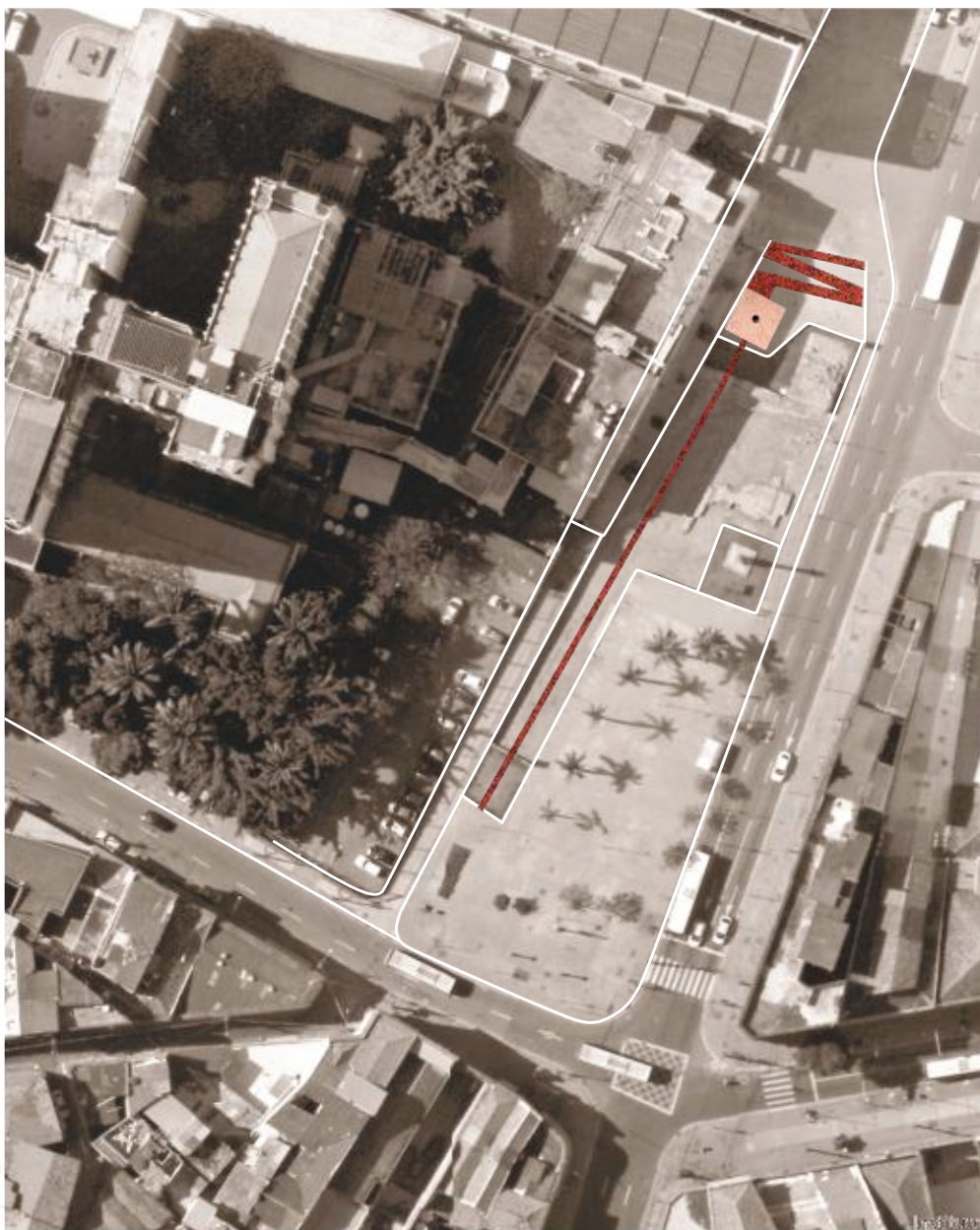
Perdi a memória. É como olhar no espelho e apenas ver a moldura. Não existe reflexo, mas as imagens estão lá...

Cena do filme Spellbound, de Hitchcock, 1945.

O filme de Hitchcock pressupõe uma aproximação artística da psicanálise, demonstrando a importância da memória para o desenvolvimento pessoal e coletivo do indivíduo.

Para escapar de tal armadilha, é preciso garantir no elemento a presença de uma intenção narrativa e simbólica, vulnerável ao cotidiano. Simbolizando imagética e silenciosamente as multiplicidades que o Valongo carrega, manifestando tanto fenômenos de apropriação e identificação, como também de crítica e repulsa ao que o Cais do Valongo representa.

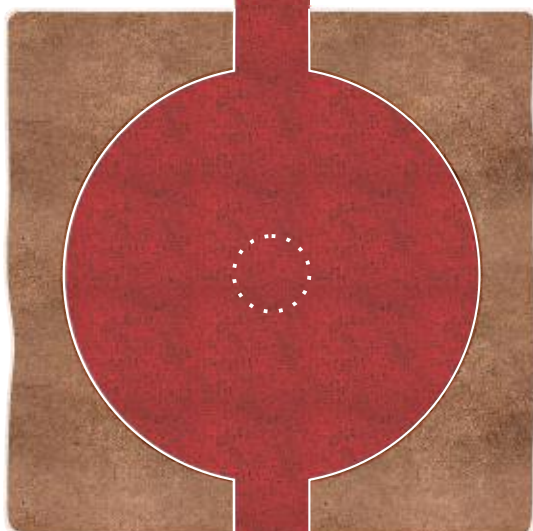
O objeto surge como um monolítico prismático, um cubo de 7 metros de largura, inserido na ponta extrema do limite exposto do Cais do Valongo, desenterrando-se e compondo-se da mesma matéria que aterrou e aterra memórias, desejos, expectativas, esperanças, alegrias e narrativas dos corpos de incontáveis gerações a cada novo projeto de remodelação da região. Um elemento que subverte as metanarrativas e convida para uma leitura e interação com as micronarrativas do Valongo.





O monolítico de terra apresenta apenas sua solidez formal e a flacidez de sua textura, quebradiça, aguardando pacientemente que seja descoberto. O acesso se dá por uma rampa já existente no local, uma descida que simbolicamente reflete um ritual de enterro.

Contudo, o interior surge como a metáfora de um útero, no qual o corpo que acessa é convidado a se despir da sua construção cultural e colocar seu corpo nu à mercê deste contexto de multiplicidades, permitindo-se atravessar por todo aquele cenário cultural, social e político.



Ao acessar o objeto, a escuridão que se espera é rompida pela luz que molda o ambiente por uma abertura circular no teto. Remetendo a um espaço sagrado e protegido, assim como um útero. As paredes internas são revestidas por um tipo de papel, e os visitantes são convidados a deixarem seus registros ali.

O caminho a ser percorrido é coberto por uma manta de miçangas vermelhas, como células do tecido do cordão umbilical, que através de uma plataforma de aço paira sobre as ruínas, até ser interrompido ao final do Cais, permitindo que os corpos penetrem livremente nas ruas do Valongo.

Dessa forma, exterior e interior representam dois cosmos distintos, uma montagem entre o agora, o outrora e o porvir, uma manipulação entre tempos.

A terra, que dá forma ao monolítico, tem a capacidade de ser plural, possuindo características que diferem de um local para outro de extração, rompendo com a neutralidade da forma. Exausta, a terra reage igualmente ao tempo e ao espaço, como um organismo dinâmico e em mutação, adquirindo novamente sua forma mais natural ao romper com a imposição geométrica do cubo. Então, o elemento lentamente se desintegra sobre o papel com os registros de todos aqueles que o cruzaram, passando para uma condição menos formal e organizada, até desaparecer da paisagem, deixando apenas seus grãos de terra e areia sobre o

chão do Cais do Valongo, além de seus vestígios imateriais.

O elemento contra-monumento é um alerta sobre não haver monumento físico que reivindique um passado ou construa um futuro diferente do projetado, porque, por fim, somente em nós é possível germinar uma semente contra todo o colonialismo enraizado em nossa sociedade.

Para finalizar, parafraseando Viveiros de Castro: No Brasil, todo mundo é filho deste útero, exceto quem não é.



Ritual de lavagem das escadarias do Cais do Valongo, 2018. Foto: João Pedro Gasparim.

05. CONCLUSÃO

Quando me deparei com o contexto da região portuária, meus questionamentos começaram a se desdobrar sobre o impacto dos projetos urbanísticos sobre os processos de desigualdade e opressão, justamente por entender que é no espaço da cidade que a vida se perpetua, logo, a arquitetura influencia diretamente na percepção de mundo que cada um tem, sendo portadora da capacidade de transformar a sociedade.

De acordo com Velloso (2004), os habitantes de uma cidade concebem, a partir de suas vivências, manifestações sensíveis no cotidiano, com a potência de transformar o sentido conferido aos lugares da urbe, reconceituando seus valores e práticas. As disputas políticas e culturais nos territórios da região portuária extrapolam configurações materiais, caracterizando um tecido vivo de relações e tensões sociais.

As percepções territoriais, geradas por essas relações, modificam completamente a troca indivíduo-cidade, a ideia do projeto foi procurar por um meio de desautomatizar a forma que os territórios do Valongo são percebidos, deformando-os e alertando sobre algo de equivocado, ou até mesmo desonesto, em uma monumentalidade, que alheia ao que Walter Benjamin afirma ao se tratar da história – "o estado de emergência não é a exceção, mas a regra" –, aterra as falhas do passado em nosso presente, atuando como a mais prejudicial maneira de esquecimento.

Busquei refletir como poderia romper com esse processo de esquecimento, gerado

pelos planejamentos urbanos para a região e, em diversos momentos, me senti perdido pelo excesso de cruzamentos teóricos que surgiam em minhas leituras, tentei sintetizar ao máximo e buscar por um caminho linear de pensamento, mas, com o tempo, isso se mostrou falho. Então assumi um pensamento de convidar e provocar um estranhamento, para tal, adotei a proposta de atos de apresentação, representação e presentificação.

Com isso, desejava que a visão da Região Portuária, consolidada na imaginação do sujeito, pudesse ser ressignificada, o provocando a criar novas relações e reflexões com o lugar, apreendendo os territórios do Valongo em um processo de deriva, isto é, como um estrangeiro dentro da sua própria construção cultural.

Este foi o meio que encontrei de desautomatizar o olhar e levar as pessoas a saírem de sua indiferença em relação às desigualdades perpetuadas em meio urbano, se tornando um agente ativo nas mudanças desejadas para a cidade, através da identificação com o que o Valongo significa e se sentindo responsável a lutar contra as injustiças que nos são impostas.

Por fim, considero o projeto finalizado em si, mas também acredito em um estado perpétuo de devir das coisas, ganhando novos rumos à medida que um novo conhecimento é efetivado e novas experiências são percebidas.

06. BIBLIOGRAFIA

- CERTEAU, M. (1998). *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Rio de Janeiro: VOZES.
- DOSSE, F. (2013). *O Espaço Habitado segundo Michel de Certeau*. Uberlândia, MG: ArtCultura.
- FALCÃO, M., & FALBO, R. (s.d.). *Quilombo das Guerreiras e Zumbi dos Palmares: movimentos sociais pelo direito à moradia na cidade do Rio de Janeiro*. de *Direito da Cidade*, vol. 08, nº 1. ISSN 2317-7721 pp.331-360.
- FLUSSER, V. (1985). *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: HUCITEC.
- HALBWACHS, M. (1990). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA.
- HUYSSSEN, A. (2000). *Seduzidos Pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- III. *Caracterização do Empreendimento*. Rio de Janeiro : Operação Urbana Consorciada da Região do Porto do Rio.
- MARTINS, P. M. (2010). *Entre visível e invisível, para além do entendimento: o tema da natureza no último Merleau-Ponty*. *Filosofia*, Aurora, 469-482.
- MATTOS, H. (. (2016). *História oral e comunidade: reparação e culturas negras*. São Paulo: Letra e Voz.
- MAUAD, A. M. (2016). *Fotograficamente Rio, a cidade e seus temas*. Niterói, RJ: PPGHistória - LABHOI - UFF/FAPERJ.
- VELLOSO, M. P. (2004). *A cultura das ruas do Rio de Janeiro (1920-30) Mediação, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Edição Casa de Rui Barbosa.
- GONÇALVES, M. A.; HEAD, S. (org). (2009). *Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens*. Rio de Janeiro: 7Letras
- MATTOS, H.; SCOTT, D. (2014). *Passados Presentes: Memória da Escravidão e Políticas de Reparação nas Políticas Públicas na Área de Educação no Brasil*. Rio de Janeiro
- .GURAN, M. (2016). *Sítio arqueológico Cais do Valongo: Proposta de inscrição na lista do Patrimônio Mundial*. Rio de Janeiro: IPHAN.
- BERENSTEIN, P; JACQUES, M. (2018). *Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar*. Salvador: EDUFBA.
- YOUNG, James. (1994). *Mahnmale des Holocaust*. Munique: Prestel.
- MOREIRA, M. S. (2018). *Projeto Prata Preta: levantamento jurídico-urbanístico de cortiços da área portuária do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPPUR - UFRJ; CMP - RJ.
- PIO, L. G. (2014). *Do Corredor Cultural ao Porto Maravilha: mudança de paradigma?* Rio de Janeiro : V Seminário Internacional de Políticas Culturais .
- Projeto Porto Maravilha: a maior parceria público-privada do Brasil é da cidade do Rio*. (número 03, 2010). Porto Maravilha.
- RICOEUR, P. (2003). *Memória, história, esquecimento*. Budapeste : conferência internacional “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”.
- SANTOS, A. M. (2014). *Comunicação e cidade: o habitar como invenção*. São Paulo: PUC - SP.
- SEBRAE. (2015). *O porto maravilha e os desafios da reintegração econômica da região na dinâmica da cidade*. Rio de Janeiro: Observatório Sebrae/RJ.
- VASSALLO, S., & CICALO, A. (2015). *Por onde os africanos chegaram: o Cais do Valongo e a Institucionalização da Memória do Tráfico Negreiro na região portuária do Rio de Janeiro*. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos.
- XIMENES, L. A. (2017). *Ocupações na Zona Portuária do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : IFCH - UERJ.
- Slave Voyages*. (17 de novembro de 2019). Fonte: <https://slavevoyages.org/>
- AZEVEDO, D. (2017). *Cais do Valongo é o útero do País*. Disponível em: nuer.ufsc.br/2017/08/16/cais-do-valongo-e-o-uterio-do-pais/
- Coletivo Fotoexpandida*. (novembro de 2020). Fonte: <https://www.fotoexpandida.org/>
- ImagineRio*. (17 de novembro de 2019). Fonte: <https://imagerio.org/>
- Projeto Passados Presentes*. (novembro de 2020). Fonte: *Memória da Escravidão no Brasil*: <http://passadospresentes.com.br/>
- Câmara Municipal - Valongo, PT*. (novembro 2020). Fonte: <https://www.cm-valongo.pt/pages/423>
- LUCENA, F. *História do Cais do Valongo*. (novembro 2020) Fonte: <https://diariodorio.com/historia-do-cais-do-valongo-2/>





FAU
FACULDADE DE
ARQUITETURA
E URBANISMO

HABITAR VALONGO

Alexsander de Paula Pereira
orientado por
Gustavo Badolati Racca
Ayara Mendo Perez

Rio de Janeiro,
2020